

WILLIAN DOUGLAS GUILHERME
(ORGANIZADOR)




**A EDUCAÇÃO COMO DIÁLOGO
INTERCULTURAL E SUA RELAÇÃO
COM AS POLÍTICAS PÚBLICAS**

Atena
Editora

Ano 2020

WILLIAN DOUGLAS GUILHERME
(ORGANIZADOR)



**A EDUCAÇÃO COMO DIÁLOGO
INTERCULTURAL E SUA RELAÇÃO
COM AS POLÍTICAS PÚBLICAS**

Atena
Editora

Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
 Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
 Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
 Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
 Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
 Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
 Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
 Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Douglas Santos Mezacas -Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
 Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
 Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
 Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Me. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
 Profª Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
 Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
 Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E724 A educação como diálogo intercultural e sua relação com as políticas públicas [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-86002-58-4

DOI 10.22533/at.ed.584201903

1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais.
3. Educação – Inclusão social. I. Guilherme, Willian Douglas.

CDD 370.710981

Elaborado por Maurício Amormino Júnior | CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná - Brasil

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O e-book “A Educação como Diálogo Intercultural e sua Relação com as Políticas Públicas” reuni pesquisas entorno de um debate atualizado e propositivo sobre a educação no Brasil. Apresentamos um conjunto de resultados e propostas que visam contribuir com a educação brasileira a partir de um diálogo intercultural e suas relações com as políticas públicas em educação.

São 108 artigos divididos em 5 Volumes. No Volume 1, os artigos foram reunidos em torno de temáticas voltadas para Políticas Públicas, Gestão Institucional e História e Desafios Socioeducacionais, totalizando 20 textos inéditos.

No Volume 2, os temas selecionados foram Educação Superior e Formação de Professores. São 21 artigos que chamam para um diálogo propositivo e instigante. O índice é um convite a leitura.

Compõe o Volume 3, 25 artigos em torno das temáticas Prática Pedagógica, Educação Especial e Interdisciplinaridade. Este volume é bem crítico e traz propostas inovadoras que merecem atenção especial do leitor.

O Volume 4 traz 20 artigos bem estruturados e também inéditos que discorrem sobre práticas e propostas para a prática do uso das tecnologias em espaço escolar e da Educação de Jovens e Adultos.

Fechamos a obra com 22 artigos selecionados para o Volume 5, agrupados em torno das temáticas do Ensino Fundamental, da Educação Infantil e de Gênero e Racismo.

A obra “A Educação como Diálogo Intercultural e sua Relação com as Políticas Públicas” está completa e propõe um diálogo útil ao leitor, tanto no desenvolvimento de novas pesquisas quanto no intercâmbio científico entre pesquisadores, autores e leitores.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

CAPÍTULO 1	1
A ABORDAGEM DO CICLO DE POLÍTICAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES À ANÁLISE DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS	
Wellyngton Chaves Monteiro da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5842019031	
CAPÍTULO 2	8
A LEI 11.645/2008 E O ENSINO DE HISTÓRIAS E CULTURAS INDÍGENAS NO ENSINO FUNDAMENTAL I NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE, MINAS GERAIS, BRASIL	
Adriano Toledo Paiva	
DOI 10.22533/at.ed.5842019032	
CAPÍTULO 3	21
AS PERSPECTIVAS SOBRE A EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL: OS ESTUDOS DESENVOLVIDOS SOBRE O SISTEMA DE SELEÇÃO UNIFICADA (SISU) NA REDE UNIVERSITÁRIA/BR	
Júlia da Silva Rigo Maria Cristina da Silveira Galan Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.5842019033	
CAPÍTULO 4	34
AVALIAÇÃO EM LARGA ESCALA: PROVA BRASIL HISTÓRIA: CARACTERÍSTICAS E OBJETIVOS	
Arcielli Royer Nogueira Adrian Alvarez Estrada	
DOI 10.22533/at.ed.5842019034	
CAPÍTULO 5	46
IMPLANTAÇÃO DO PNAIC EM SÃO PAULO: UM ESTUDO DE CASO	
Josi Carolina da Silva Leme Maria Iolanda Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.5842019035	
CAPÍTULO 6	54
O “JEITINHO” PARA ACABAR COM A CORRUPÇÃO: #HONESTIDADE	
Expedita Estevão da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5842019036	
CAPÍTULO 7	67
TRABALHO E EDUCAÇÃO DE JOVENS DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE PALMEIRA/PR	
Liliane Pinheiro Patrícia Correia de Paula Marcoccia	
DOI 10.22533/at.ed.5842019037	

CAPÍTULO 8 75

VIOLÊNCIA POLICIAL NA PERIFERIA: QUE CONTRAPONTO? - UM ESTUDO DE CASO ENTRE LISBOA E O RIO DE JANEIRO

Elisabete Eugénia Pinto dos Santos Pessanha Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.5842019038

GESTÃO INSTITUCIONAL

CAPÍTULO 9 88

AUTOAVALIAÇÃO INSTITUCIONAL COMO FERRAMENTA DE GESTÃO DOS PROCESSOS EDUCACIONAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Patrícia de Lemos Negreiros Tavares

Fernanda Nascimento Severo

Heraldo Simões Ferreira

Deborah Ximenes Torres Holanda

José de Siqueira Amorim Júnior

Maciel Nascimento de Araújo

Tobias Junior do Bomfim Ferreira

Raphaela Mota Feitosa Vasconcelos

DOI 10.22533/at.ed.5842019039

CAPÍTULO 10 96

BULLYING E SEUS PRATICANTES: A PERCEPÇÃO DE PROFESSORES

Telma Antunes Dantas Ferreira

Katarina Pereira dos Reis

Matheus Ramos da Cruz

Ulhiana Maria Arruda Medeiros

Pâmella Cristina Dias Xavier

José Antonio Vianna

DOI 10.22533/at.ed.58420190310

CAPÍTULO 11 104

O COORDENADOR PEDAGÓGICO E SUAS PROPOSIÇÕES FORMATIVAS: REFLEXOS NO TRABALHO DOCENTE

Victoria Mottim Gaio

Camila Macenhan

Jaqueline de Moraes Costa

Karine Ferreira Monteiro

DOI 10.22533/at.ed.58420190311

CAPÍTULO 12 117

O ESPAÇO DO PROFESSOR REFLEXIVO E PESQUISADOR NA BNCC

Wiusilene Rufino de Souza

Rosangela Duarte

Lucas Portilho Nicolleti

Ênia Maria Ferst

DOI 10.22533/at.ed.58420190312

CAPÍTULO 13 128

PROJETOS DE EXTENSÃO: DA UNIVERSIDADE A COMUNIDADE

Aline Fernanda Ventura Sávio Leite
Joyce Mary Adam

DOI 10.22533/at.ed.58420190313

HISTÓRIA E DESAFIOS SOCIOEDUCACIONAIS

CAPÍTULO 14 139

A REFORMA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO PROPOSTA POR SEUS PROFESSORES, ALUNOS E FUNCIONÁRIOS EM 1968

Macioniro Celeste Filho

DOI 10.22533/at.ed.58420190314

CAPÍTULO 15 152

A RELAÇÃO ENTRE, OS “NOVOS ENCLAVES FORTIFICADOS” NO SUBÚRBSIO CARIOCA E O MODELO DE DESENVOLVIMENTO DA CIDADE ESPETÁCULO

Claudio Jorge da Silva Soares

DOI 10.22533/at.ed.58420190315

CAPÍTULO 16 165

O TRATAMENTO HISTÓRICO CONCEITUAL DA COERÇÃO NA EDUCAÇÃO: PERSPECTIVAS EPISTEMOLÓGICAS DE FREUD, SKINNER E FOUCAULT

Géssica de Souza Zuliani
Giseli Monteiro Gagliotto

DOI 10.22533/at.ed.58420190316

CAPÍTULO 17 180

INFÂNCIA E CONSUMO: UMA ANÁLISE DOS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO INFANTIS NA SOCIEDADE CAPITALISTA

Alane Delmondes Nóbrega
Atiane Leles Magalhães
Fernanda Letícia Sousa Lima
Mariane Barbosa Matos
Paulo Henrique Albuquerque do Nascimento

DOI 10.22533/at.ed.58420190317

CAPÍTULO 18 187

O FESTEJO DAS SANTAS ALMAS BENDITAS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA MORRO SÃO JOÃO EM SANTA ROSA DO TOCANTINS, BRASIL

Valdir Aquino Zitzke

DOI 10.22533/at.ed.58420190318

CAPÍTULO 19 197

PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO E SOCIOBIODIVERSIDADE EM ORIXIMINÁ: QUANDO O ORDENAMENTO TERRITORIAL PRODUZ O CONFLITO

Wilson Madeira Filho
Wagner de Oliveira Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.58420190319

CAPÍTULO 20	213
VISITA TÉCNICA COMO AÇÃO CONSTRUTIVA PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM	
Valclides Kid Fernandes dos Santos	
Sandra Regina Gregório	
Nilton Paulo Ponciano	
DOI 10.22533/at.ed.58420190320	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	227
ÍNDICE REMISSIVO	228

O FESTEJO DAS SANTAS ALMAS BENDITAS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA MORRO SÃO JOÃO EM SANTA ROSA DO TOCANTINS, BRASIL

Data de aceite: 11/03/2020

Valdir Aquino Zitzke

Universidade Federal do Tocantins

Campus de Porto Nacional

Curso de Geografia

<http://lattes.cnpq.br/4103992586860335>

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar o Festejo das Santas Almas Benditas na Comunidade Quilombola Morro São João, em Santa Rosa, Tocantins, na perspectiva do território vivido, um ritual que acontece anualmente no primeiro dia de novembro. Como procedimentos metodológicos, optamos por uma revisão sobre a temática dos Congos e do território vivido e também entrevistas com pessoas da comunidade, além de observação participante. Percebemos a importância da memória e dos saberes que são transmitidos e ensinados pelos mais velhos, os anciões, seja dos cânticos, das danças, das rezas, do processo de elaboração das comidas entre outros. Concluímos que em termos de ensino é preciso que os professores de geografia incluam em suas práticas a valorização da memória e dos territórios vividos, os microterritórios, como forma de apresentar aos seus alunos que a geografia está muito mais próxima de suas vidas do que está nos livros didáticos, inclusive

levando os alunos a participarem de todo o evento cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia Cultural. Congos. Comunidades Quilombolas.

THE FESTIVITY OF SAINT HOLY SOULS IN THE QUILOMBOLA COMMUNITY MORRO SÃO JOÃO IN SANTA ROSA, TOCANTINS, BRAZIL

ABSTRACT: This article aims at analyzing the Festivity of Saint Holy Souls (Festejo das Santas Almas Benditas) in the quilombola communities of Morro São João, in Santa Rosa, Tocantins, Brazil. In particular, we analyze the lived territory, an annual ritual that takes place on the first day of November. The methodology is composed of a systematic revision of the Congos and the lived territory, interviews with people from the community, and participant observation. We note the importance of memory and knowledge transmitted and taught by the elders, be it chants, dances, prayers, the food making process etc. We conclude that geography teachers must include in their teaching, appreciation practices of memory, lived territories, and micro-territories as means of presenting students with a geography that is much closer to their lives than textbook geography, which includes taking them to that cultural event.

KEYWORDS: Cultural geography. Congos.

1 | INTRODUÇÃO

A Congada, como cultura híbrida que resistiu desde o período colonial até os dias de hoje, mantendo a tradição africana, no Morro São João, em Santa Rosa do Tocantins, estado do Tocantins, possibilita o conhecimento mais aprofundado de alguns aspectos da vida de africanos vindos ao Brasil durante o período da escravidão.

A opção pelo tema se justifica por ser uma manifestação cultural com origem no Brasil Colônia e, no nosso ponto de vista, as Congadas não podem ser compreendidas para além de um hibridismo cultural (BURKE, 2003).

Mais que isto, percebe-se importância histórica dos textos de Luís da Câmara Cascudo para o conhecimento histórico, artístico, antropológico e geográfico desta manifestação cultural que perpassa a história do Brasil. Perceber-se o que nela se modifica e o que se mantém consiste em perceber a historicidade das práticas culturais enquanto produto e produtoras da realidade histórica e do universo simbólico brasileiro, ignorar tais questões, como muito bem percebeu Cascudo, seria abandonar o caminho que leva ao encantamento do passado.

Definimos como objetivo analisar os Festejos das Almas Santas Benditas na Comunidade Quilombola Morro São João, em Santa Rosa, Tocantins, na perspectiva do território vivido. E como procedimentos metodológicos: uma revisão bibliográfica geral sobre o tema e também as publicações sobre a área de estudo disponíveis no meio virtual e impresso; entrevistas com os devotos da festa, moradores mais antigos da comunidade, com o propósito de regatar a memória dos festejos e seus detalhes e alterações ao longo do tempo e, por fim, participar de todas as etapas da festa para observação participante e registro fotográfico.

2 | A COMUNIDADE QUILOMBOLA MORRO SÃO JOÃO

A comunidade Morro do São João está situada na porção leste do município de Santa Rosa do Tocantins, com uma população estimada de 200 habitantes, sendo composta por famílias afrodescendentes que se transferiram da fazenda Engenho, localizada nas proximidades da cidade de Santa Rosa do Tocantins.

A Comunidade Quilombola do Morro de São João, de acordo com seus moradores, existe a mais de 200 anos sendo as terras do povoado pertencentes aos herdeiros de Victor de Sena Ferreira, filho de uma escrava chamada “Pelonha”, com o vigário de origem portuguesa pertencente à Diocese de Goiás, José Bernardino de Sena Ferreira.

O nome “Morro de São João” foi dado pelo fato do filho Victor, ser devoto de São João Batista e pela região apresentar grandes morros, que servia de esconderijo dos escravos capturados de outras grandes fazendas.

A Comunidade Quilombola do Morro do São João foi reconhecida como remanescente de quilombos em 20 de Abril de 2007, e possui uma Associação sem fins lucrativos com sede e foro do município de Natividade - TO, com a finalidade de desenvolver ações sociais e econômicas necessárias para a promoção da Comunidade.

3 | MEMÓRIA E TERRITÓRIO VIVIDO

A Memória pode-se traduzir como as reminiscências do passado que afloram no pensamento de cada um, no momento presente, ou ainda com a capacidade de armazenar dados ou informações referentes a fatos vividos (HALBWACHS, 1968).

Este autor salienta que uma dimensão da memória que ultrapassa o plano individual, considerando que as memórias de um indivíduo nunca são só suas e que nenhuma lembrança pode existir apartada da sociedade. Segundo ele, as memórias são construções dos grupos sociais, são eles que determinam o que é memorável e os lugares onde essa memória será preservada (HALBWACHS, 1968).

O indivíduo que lembra está inserido na sociedade na qual sempre possui um ou mais grupo de referência, a memória é então sempre construída em grupo, sendo que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”, como se pode ver, o trabalho do sujeito no processo de rememoração não é descartado, visto que as “lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós” (HALBWACHS, 2013, p. 30).

Conforme Halbwachs (2006), a duração de uma memória está limitada à duração da memória do grupo. Isso significa dizer que há necessidade de preservação de elos entre os integrantes de um grupo para que a sua memória permaneça.

A reflexão atual sobre território, em conformidade com a dimensão vivida, realizada pela Geografia, teria se beneficiado de algumas “aberturas de horizontes”: 1) com Claude Raffestin, que amplia a compreensão das formas de poder e, portanto, das formas de territorialização (SAQUET, 2007); 2) com Robert Sack que, ao trazer a consideração de que territorializar é controlar e/ou restringir acessos e ações (em uma sala da casa ou em uma porção da nação) estende a territorialização para diversas escalas (CLAVAL, 1999); 3) Com o surgimento e difusão do horizonte humanista-cultural em Geografia, que inclui a matrizes socioculturais na compreensão de dinâmicas que humanizam o espaço (CLAVAL, 1999; MACHADO, 1997). Nesta releitura da categoria, este fenômeno territorial aparece sob diferentes denominações

como, por exemplo, territórios flexíveis, territórios vividos, territórios da subjetividade, microterritórios, territórios invisíveis.

Entre os trabalhos que abordam a terceira vertente do território, num viés humanista-cultural, aparecem grupos de ciganos, homossexuais, crime organizado, prostitutas e michês, grupos étnico-culturais, grupos de moradores de bairros. Estes grupos conformam/vivem uma identidade territorial; e é esta a expressão de geograficidade. Na proposta de Dardel (1952), geograficidade é a expressão da relação em que falar do homem é falar do espaço que ele vive (e, no limite, o espaço que o homem é). A geograficidade da identidade territorial reside na associação tríplice “[...] entre como é determinado território, quem vive nele e como é viver nele” (DE PAULA e MARANDOLA JR., 2007, p. 7). Discorrer sobre a identidade territorial de um grupo é, sempre, discutir também a identidade social, a sociedade e a memória, discutir imaginários sobre as pessoas e esse território e, conseqüentemente, apreender como os indivíduos (os que vivem ou não o território) concebem este espaço e agem (em todos os sentidos: políticos, sociais) em relação a ele.

Neste estudo, optamos pela categoria território vivido considerando que os moradores do Morro São João conformaram aquele território, e o mesmo expressa um movimento de inclusão das dinâmicas socioespaciais de pequena escala.

O estudo do território vivido do Morro São João permite entender como aquele grupo social, os afrodescendentes, tornaram exclusiva uma porção do espaço. Esta abordagem nos permite compreender as formas como o grupo se tornou coeso, apoiando sua articulação da territorialização, a construção de uma identidade territorial e das conseqüências desta, as formas como estes grupos realizam a manutenção do território e como ali exercem o poder.

Nesse estudo pretendemos analisar a memória social do Ritual dos Congos na Festa das Santas Almas Benditas no território vivido da referida Comunidade como manifestação de reverência e respeito à ancestralidade, aproximando as categorias memória e território vivido como base da nossa análise.

4 | OS CONGOS

As festas dos congos ou congada vêm sendo registradas no Brasil desde o período colonial e aparecem de forma integrada ao calendário católico. Alvarenga (1960) registra que a primeira notícia documentada de uma congada realizada no Brasil é no ano de 1760, encontrada na relação dos festejos do casamento de D. Maria I, rainha de Portugal. No entanto, Tinhorão (2000) registra que já em 1711 ocorreu a primeira coroação de rei Congo numa irmandade de Nossa Senhora do Rosário, no estado de Pernambuco. O autor retrocede ainda mais, para o final do século XVII, e localiza notícias das primeiras manifestações de coroação de reis,

mas com alusões a reis de Angola e não de Congo. O mesmo autor ressalta que a coroação dos reis de Congo organizada por escravos e forros já era uma prática disseminada no século XVI, em Lisboa.

Congos é um evento festivo que lembra a coroação do Rei Congo e da Rainha Ginga de Angola, acompanhado de um cortejo compassado, levantamento de mastros e música. Rabaçal (1933), em “As Congadas no Brasil”, vai utilizar o tempo todo, a denominação Congos, Congados, Congadas. Esta manifestação cultural e religiosa, de influência africana, ocorre em algumas regiões do Brasil, tendo por temas a devoção a São Benedito, o encontro da imagem de Nossa Senhora do Rosário e a Embaixada (representação da luta de Carlos Magno e os Doze Pares de França e o Rei da Turquia, ou seja, o combate entre mouros e cristãos).

O ponto alto da festa, a coroação do Rei e da Rainha, acompanhado de um cortejo, levantamento de mastros e música, tradição esta trasladada para o Brasil pelos negros africanos, escravizados, dando origem ao movimento híbrido religioso na cultura nacional.

Câmara Cascudo, em seu Dicionário do Folclore Brasileiro, define Congada, Congado, Congo como “folgado de formação afro-brasileira, em que se destacam as tradições históricas, os usos e costumes tribais de Angola e do Congo, um auto com elementos temáticos africanos e ibéricos, cuja difusão data do século XVII.” Quanto aos elementos africanos, são os rituais que foram trazidos e apropriados como arma poderosa e propulsora de devoção do panteão afro.

Brandão (1989) se refere aos Congos como sendo uma dança, “um ritual dos negros, eles a criaram, desde a África, ou desde quando escravos no Brasil”. Mesmo não possuindo somente pretos nos dias de hoje, ainda é uma “coisa de pretos”.

Audrin (1933) citado por Gomes (2004, p.34) afirmou que:

“apenas em raros lugares do interior se conserva ainda a tradição da estranha dança dos congos. Reserva-se a essa dança aos homens de cor, que se apresentam em trajes berrantes, com capacetes de penas de emas na cabeça, e nas mãos instrumentos feitos de canos de bambus e de cabaças, gaitas, flautas e pandeiros, com que acompanham cantos compostos de palavras ininteligíveis, durante as suas intermináveis evoluções”.

De qualquer forma, a dança está associada aos festejos da coroação do Rei e da Rainha e, mais tarde, teria sido reunida às festas de santo, tão comuns quanto antigas em todas as “cidades do ouro” do então norte goiano, hoje estado do Tocantins. Retomando Rabaçal (1933), quando se refere aos Congos nas festas de santo, observamos dois momentos em que os Congos se fazem presentes em eventos religiosos católicos no Tocantins: um na cidade de Monte do Carmo, na Festa de Nossa Senhora do Rosário e em Santa Rosa, no Ritual das Santas Almas Benditas.

Para os moradores que participam do Ritual, a dança é tão antiga que não sabem a origem e nem de como chegou à região. Os mais velhos afirmam terem ouvido de seus pais e de seus avós que, “desde quando existe a comunidade”, já existiam os Congos. Depois, “com os padres”, a dança era realizada no dia de Finados, um evento católico, numa clara hibridização entre a tradição de origem africana e os rituais católicos.

Fato curioso é o isolamento geográfico deste ritual no estado do Tocantins: os eventos semelhantes mais próximos ocorrem no estado de Goiás. E dentro do Tocantins, os dois eventos acontecem em cidades que distam entre si 120 km: o primeiro, em Monte do Carmo, acontece no interior de uma festa de santo e o segundo, em Santa Rosa do Tocantins, no contexto de um feriado católico, com significados diferentes, muito embora, nos cânticos, se refiram a Nossa Senhora do Rosário.

Do Reinado dos reis do Congo ao isolamento no interior das festas de santo; da Festa de Nossa Senhora do Rosário para outras festas de santo, como Divino Espírito Santo; de festas de santo para festividades profanas ou para comemorações improvisadas, os Congos passam de um ritual *incluído* a um ritual isolado, e de um ritual isolado a uma forma de “*espetáculo tradicional*” através do qual consegue manter-se existente.

5 | O RITUAL DOS CONGOS NA FESTA DAS SANTAS ALMAS BENDITAS

A festa das Santas Almas Benditas acontece no dia 02 de Novembro, dia de Finados. De acordo com os moradores, esta festa e o ritual dos Congos é uma herança deixada pelos seus ancestrais como forma de reverência aos escravos e afrodescendentes mortos.

Os Congos, ou a congada, é composto por homens da comunidade, não em número fixo, mas em torno de oito a dez, vestidos com saias compridas e com camisas brancas, simbolizando a paz e liberdade pela qual os antepassados tanto lutavam, com penachos na cabeça.

O festejo inicia-se bem cedo, ao amanhecer do dia e a partir das 5h da manhã já começam a esquentar os tambores. Os familiares do rei e da rainha colocam lenha no fogão ou na trempe para fazer o almoço, que é da responsabilidade deles, e os Congos vestem-se seguindo modelo original, com vestes brancas e feitas de saco de estopa. As peças utilizadas na cintura são saiotas com comprimento abaixo do joelho, as camisas são de manga curta e, na cabeça, um adorno feito com penas de ema (essas peças são guardadas há décadas e reaproveitada ano após ano), em forma de arco, de cor prata, simbolizando uma coroa.

O sino da igreja local, de São João, dá a primeira badalada simbolizando

que está quase na hora da comunidade se apresentar para prestigiar o festejo. Na segunda badalada quase todos os fiéis já chegaram à igreja e na terceira e última badalada, todos já estão reunidos na para fazerem o trajeto de 3 km até o cemitério. Da igreja, o grupo segue até a casa do rei para fazer o desjejum e dali segue para o cemitério. Ao saírem da igreja cantam:

*“é o congo minha gente
olha os congo como está” (bis)*

*“eh lundum cai fora
oh lundum cai fora” (bis)*

Chegando à casa do rei os Congos entoam um cântico como um convite ao rei:

*“vamo sinhô rei, com muito vigor,
vamo visitar as almas de nosso sinhô”*

Da casa do rei partem para a casa da rainha onde já se percebe uma maior concentração de pessoas aguardando a chegada dos Congos que, ao chegarem cantam:

*“ôh rainha, ôh Mariá
Sai pra fora que eu quero oiá”*

Os Congos se organizam em duas fileiras, aos pares, diante do rei e da rainha. Geralmente, as danças são realizadas em fileiras e círculos e suas coreografias imitam os movimentos das emas que, segundo eles, revelam a leveza e agilidade da ave.

Durante o percurso, os Congos e participantes fazem rituais, dançam e entoam cânticos de louvor ao casal real e também para as Santas Almas Benditas. Entoam nesse trajeto:

*“passarinho, alegre e contente
é as almas benditas (bis)
que está se chegando”*

*“ôh passarinho alegre
alegre vou cantando
para as almas santas benditas
que nós tamo festejando” (bis)*

Nesse percurso fazem uma parada para descanso e para comer e beber, aproveitando o momento para colher flores e ramos verdes que serão ofertados sob os túmulos dos mortos. Geralmente são oferecidos bolos, milho, beiju, café e sucos,

e para que as pessoas descansem devido ao desgaste físico.

Segundo Turner (2008, p. 209), “a canção popular nasce, em numerosos casos, dos cantos religiosos, se não da liturgia, pelos menos para a liturgia”. Quando estão próximos ao cemitério, entoam:

*“que santa é aquela que chegou aqui agora?
é as santas almas benditas que vai para a glória”*

No cemitério os participantes ornamentam os túmulos dos seus antepassados com ramos verdes colhidos no percurso, acendem velas e, na ausência de um padre para realizar a missa, rezam o terço e depois retornam ao povoado para o almoço que será ofertado pelo rei e pela rainha.

Para presidir as missas no “campo santo”, como é denominado o cemitério, faz-se necessário um padre. Por esse motivo, raramente acontecem missas, pois o padre responsável da região está sempre presidindo a missa na igreja matriz, localizada na cidade de Santa Rosa.

Depois que os túmulos são enfeitados e as orações concluídas, os Congos e os demais participantes retornam ao povoado, para almoço ofertado pelo rei e pela rainha, acontecendo mais uma parada para descanso e oferecido comidas e bebidas ao grupo, já que o trajeto de ida e volta, é feito a pé. Ao saírem do cemitério entoam:

*“quer que festeja no ano (bis)
e as santas almas benditas”*

A comida oferecida nas paradas do trajeto de ida e volta e do almoço, é preparada na própria comunidade pelas famílias do rei e da rainha. Neste retorno, quando fazem a parada para café e comidas, entoam:

*“alô pretinha
pretinha do rosário” (bis)*

Após o almoço e feita escolha dos festeiros que são responsáveis pela organização da festa do ano seguinte, através da manifestação espontânea de moradores da comunidade, por uma promessa feita por alguém ou por sorteio. Após a definição do rei e rainha do ano seguinte é feita a coroação dos mesmos. Durante o almoço entoam:

*“se o rei é bom
a rainha é mió” (bis)*

Ao final do almoço, quando já foram definidos o rei e a rainha do festejo do ano seguinte e encerrado o festejo, os congos entoam seu canto de retirada:

*“vamo sinhô rei, vamos embora
a festa acabou e os festejo vão simhora”*

Nesta pesquisa, que contou com a participação dos moradores mais antigos da comunidade, percebemos a importância da memória e dos saberes que são transmitidos e ensinados pelos mais velhos, os anciões, seja dos cânticos, das danças, das rezas, do processo de elaboração das comidas entre outros. Aqui, devemos registrar que muitas palavras de origem, provavelmente, africana, se perderam, pois estes idosos se referiram a palavras “estranhas” que os pais e avós falavam, em rezas ou cânticos, e que o tempo fez esquecer.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta manifestação cultural, os congos e as santas almas benditas, podemos perceber o hibridismo cultural onde percebemos a presença da igreja católica, de um lado (a capela de São João, da missa e das orações, como terço) e elementos da cultura africana, ainda remanescentes, como os tambores, as danças, além da simbologia de sítios sagrados, como os caminhos percorridos, as matas e o cemitério, enquanto campo santo. Enquanto manifestação cultural deveria ser resgatada e ensinada nas escolas dos municípios do entorno como forma de valorização e respeito pela diversidade cultural, de forma a evitar que desapareça.

Em termos de ensino é preciso que os professores incluam em suas práticas pedagógicas a valorização da memória e dos territórios vividos, os microterritórios, as manifestações culturais, incluindo a dança, os cânticos, a alimentação, como forma de mostrar aos alunos a importância de reconhecer a origem das manifestações, o seu valor simbólico e as memórias, na forma das narrativas dos mais velhos.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, O. **Música popular brasileira**. Porto Alegre: Globo, 1960.

BRANDÃO, C. R. **Peões, Pretos e Congos: Relações de trabalho e identidade étnica em Goiás**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Brasília, 1974.

BRANDÃO, C. R.. **A cultura na rua**. Campinas: Papirus, 1989.

BURKE, P. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2003.

CASCUDO, L. da C. **Antologia do folclore brasileiro**. V.1. 9 ed. São Paulo: Global, 2003.

_____. **Dicionário do folclore brasileiro**, 10 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

CLAVAL, P. O território na transição da pós-modernidade. **Geographia**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, pp. 7-26, 1999.

DARDEL, Eric. **L' Homme et la terre**: nature de la realite geographique. Paris: Presses Universitaires de France, 1952.

DE PAULA, F. e MARANDOLA JR., E. Entre o bairro e o lugar: experiência urbana nos DICs, Campinas. In: **COLÓQUIO NACIONAL DO NÚCLEO DE ESTUDOS DE ESPAÇO E REPRESENTAÇÕES**, 2007, Salvador. Anais. Salvador: NEER, 2007. 18p. [CD-ROM]

GOMES, E. M. **O rosário dos congos na festa do Carmo**. Porto Nacional: Pote de Barro, 2004.

HALBWACHS, M. **Mémoire Collective**. Paris, P.U.F., 1968.

MACHADO, M. S. Geografia e epistemologia: um passeio pelos conceitos de espaço, território e territorialidade. **Geouerj**, Rio de Janeiro, n. 1, pp. 17-31, jan. 1997.

RABAÇAL, A. J. **As Congadas no Brasil**. Conselho Estadual de Cultura. Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

TIINHORÃO, J. R. **As festas no Brasil colonial**. São Paulo: Editora 34, 2000.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acadêmicos 23, 27, 94, 128, 132, 133, 134, 136, 137
Adultização 180, 181, 184, 186
Agricultura familiar 67, 68, 69, 71, 72, 73, 214, 215, 219, 225
Alfabetização 16, 38, 39, 46, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 135
Aprendizagem significativa 54, 64, 66
Avaliação 25, 26, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 43, 44, 51, 52, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 100, 122, 133, 138, 147, 199

B

Bullying escolar 96, 97

C

Capitalismo 156, 157, 163, 175, 176, 180, 200
Ciclo de políticas 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
Coerção 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 177, 178, 179
Comissão própria de avaliação 88, 89, 90, 91, 92, 94, 95
Comunidade 15, 43, 47, 50, 54, 63, 76, 83, 85, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 101, 105, 106, 111, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 149, 174, 187, 188, 189, 190, 192, 193, 194, 195, 206, 207, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 223, 224, 225
Comunidades quilombolas 187
Congos 187, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196
Contexto socioeconômico 180, 185, 186
Contrapoderes 75
Coordenador pedagógico 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 116
Corrupção 54, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63

D

Direitos humanos 75, 85, 86

E

Educação do campo 67, 70, 72, 73
Ensino superior 22, 23, 25, 26, 28, 29, 31, 32, 33, 47, 88, 89, 90, 94, 95, 128, 129, 147, 150
Escolarização 52, 70, 72, 180, 182, 183

F

Formação continuada 11, 15, 47, 48, 51, 52, 53, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 129, 131, 132, 136
Formação de professores 27, 28, 32, 46, 47, 49, 51, 115, 121, 126, 127, 132

G

Geografia cultural 187

I

Indisciplina 97, 99, 100, 101, 102, 103, 113

Instrumentos avaliativos 89, 92, 93

Interdisciplinaridade 54, 66

Invenção da infância 180, 181, 182, 183, 184, 186

J

Jornal 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 77, 78, 79, 80, 85, 87, 103, 154

L

Letramento 46, 51, 52, 53

M

Método de pesquisa 1, 6, 224

N

Nobert elias 97

P

Perspectivas epistemológicas 165

Planejamento estratégico 88, 89, 90, 91, 92, 93, 197, 198, 199, 200, 201, 205, 208, 209, 210, 212, 220

Políticas educacionais 1, 2, 3, 4, 5, 6, 36, 46, 53, 72

Professores 9, 10, 11, 13, 15, 16, 18, 19, 27, 28, 31, 32, 35, 41, 42, 46, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 59, 96, 97, 98, 99, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 131, 132, 133, 134, 136, 137, 139, 140, 141, 145, 147, 148, 187, 195, 217, 218, 219, 224, 225

Professor reflexivo 117, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 125, 126, 127

Projeto de extensão 128, 136, 137

S

Socialização 52, 96, 97, 100, 101, 171, 172, 174, 220

T

Tecnologias educacionais 54

Trabalho 4, 5, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 31, 32, 40, 41, 46, 47, 49, 50, 51, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 88, 90, 92, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 132, 133, 135, 136, 137, 139, 141, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 150, 152, 156, 158, 167, 172, 175, 181, 185, 187, 189, 195, 199, 212, 213, 215, 216, 221, 224, 225

Trabalho docente 24, 49, 66, 104, 106, 111, 112, 113, 114, 115, 118, 124, 127

U

Universidade 1, 8, 9, 12, 15, 21, 24, 25, 26, 28, 32, 33, 34, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 61, 67, 73, 74, 75, 87, 88, 90, 95, 96, 99, 102, 103, 104, 115, 117, 118, 128, 129, 132, 133, 137, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 180, 181, 187, 195, 197, 207, 210, 213, 218, 227

V

Violência 18, 40, 58, 75, 76, 77, 80, 82, 83, 86, 87, 96, 97, 101, 102, 103, 135, 152, 160

 **Atena**
Editora

2 0 2 0